

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO P. JOÃO GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES, ABADE DE TAGILDE, 1.º.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1953 | Número: 63

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Centenário do Nascimento do P. João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, 1.º. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 610-659.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## 1.º Centenário do nascimento do P.º João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tàgilde

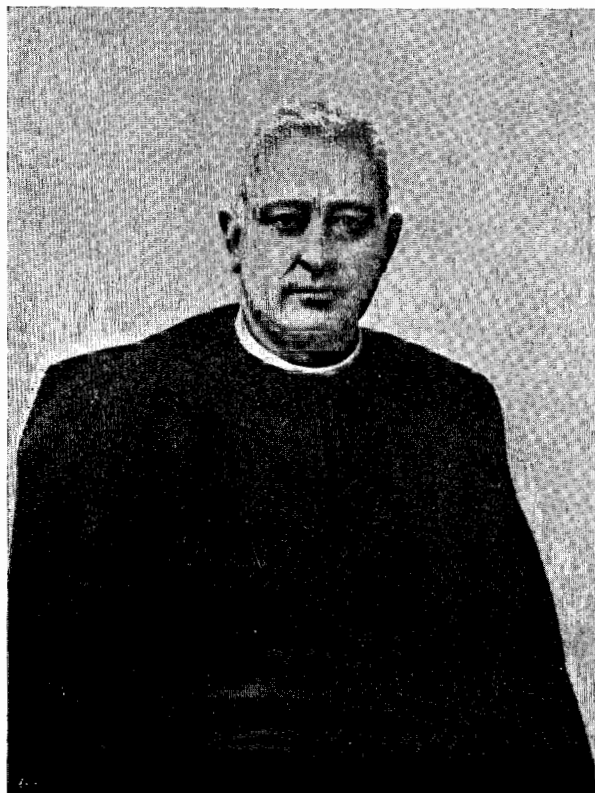
---

Transcrevemos da correspondência noticiosa de Guimarães para «O Primeiro de Janeiro» de 30 de Dezembro o seguinte relato, em linhas gerais, do que foram as homenagens prestadas em 29, à memória do insigne erudito vimaranense Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tàgilde, na passagem do 1.º Centenário do seu nascimento:

*«A Câmara Municipal de Guimarães, com a colaboração da benemérita Sociedade Martins Sarmiento, prestou a devida homenagem, de inteiro reconhecimento, aos méritos morais e intelectuais do grande e saudoso historiador vimaranense, que foi também ilustre arqueólogo e investigador — Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tàgilde, e soube impor-se á consideração de todos os seus conterrâneos. Estes associaram-se às homenagens que aquelas duas prestigiosas entidades vimaranenses lhe tributaram, e com justificada razão o fizeram, porque o Abade de Tàgilde, quando presidente da Câmara, muito trabalhou em prol do progresso da sua querida terra natal, por cujo desenvolvimento se esforçou o mais que pôde.*

*Foi também presidente da Sociedade Martins Sarmiento, da qual era sócio honorário, revelando o seu acendrado amor por esta instituição cultural, cuidando de prestigiar, sempre, o seu fundador — o inesquecível e sábio arqueólogo vimaranense dr. Francisco Martins Sarmiento.*

*Na política progressista, em que militou, nunca esqueceu Guimarães. Dentro da arqueologia e dos trabalhos de investigação, deixou estudos de muito valor. Guimarães, que jamais esquece os seus dilectos e ilustres filhos, fez, por isso, revestir de bri-*

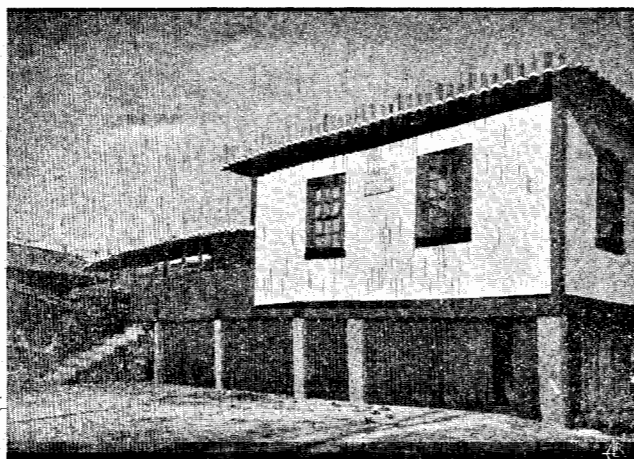


*L. J. A. Oliveira, Guimaraes.*

ABADE DE TÀGILDE

*lhantismo as homenagens que ontem lhe prestou e que consistiram: numa Missa celebrada pelo Rev.º Arcipreste, na Igreja da Colegiada, por alma do Abade de Tâgilde, com alocução, proferida pelo Rev.º Arlindo Ribeiro da Cunha, professor do Seminário de Santiago, de Braga, acto a que assistiram: Câmara e Conselho Municipal, direcção da Soc. M. Sarmento, autoridades eclesiásticas, civis e militares, representantes das corporações religiosas e civis, Grémios, Sindicatos, reitor e professores do Liceu, magistrados, Internato Municipal, Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», director e professores, comandantes da Guarda N. Republicana e da Polícia de S. P., Comandante da Legião Port., Bombeiros V. de Guimarães, Mocidade Port., funcionalismo, direcções das instituições beneficentes, altas personalidades vimaranenses, director do Museu Alberto Sampaio, Arquivo Municipal, muitas senhoras e a Imprensa.*

*Fez-se, depois a romagem ao cemitério de Mascotelos, sendo deposta uma coroa de louros, pelo sr. presidente da Câmara, no túmulo onde repousam*



*A casa na freguesia de Mascotelos onde, em 29 de Dezembro de 1853, nasceu o Abade de Tâgilde.*

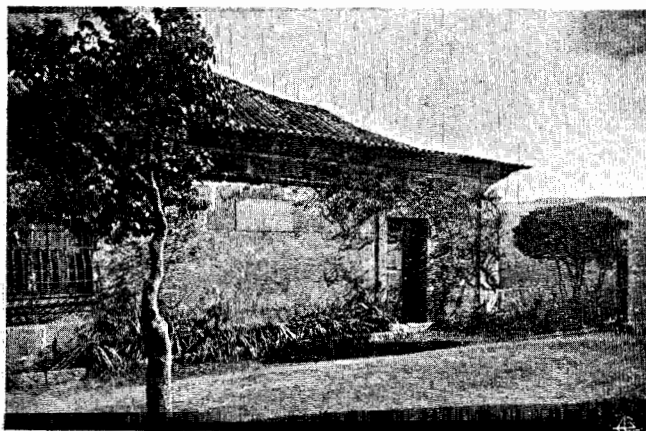
*os restos mortais do Abade de Tãgilde, cujo valor moral e intelectual foi, então, exalçado por aquele.*

*Um pouco mais tarde, procedeu-se ao descerramento, na freguesia de Mascotelos, lugar de Bogalhós de Baixo, de uma lápide, na casa onde nasceu o ilustre historiador, lendo-se nela o seguinte:*

NESTA CASA NASCEU  
A 29 DE DEZEMBRO DE 1853  
O INSIGNE HISTORIADOR  
P.<sup>º</sup> JOÃO GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES  
ABADE DE TÃGILDE  
HOMENAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES  
NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

*No acto do descerramento focou as virtudes cívicas e intelectuais do Abade de Tãgilde o sr. dr. Carlos Saraiva Brandão, Vereador dos Serviços Culturais da Câmara Municipal.*

*Às 15,30 horas, na freguesia de Tãgilde, efectuou-se o descerramento de outra lápide, na residência paroquial, usando então da palavra, o actual abade, Rev.<sup>º</sup> Abílio Ferreira, que se referiu, em sentidas palavras, à alta personalidade do P.<sup>º</sup> Oliveira*



*Residência paroquial de Tãgilde onde, em 20 de Abril de 1912, faleceu o Abade João Gomes d'Oliveira Guimarães.*

*Guimarães, como zeloso e ilustrado Abade que foi da freguesia, e como homem de grande valor científico.*

NESTA RESIDÊNCIA PAROQUIAL FALECEU  
AOS 20 DIAS DO MÊS DE ABRIL DE 1912  
O INSIGNE HISTORIADOR E DIPLOMATISTA  
P.<sup>e</sup> JOÃO GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES  
ABADE DE TÀGILDE  
NASCIDO NA FREGUESIA DE MASCOTELOS  
AOS 29 DIAS DO MÊS DE DEZEMBRO DE 1853

*A estas duas comemorações assistiram também, além do elemento oficial, os párocos das freguesias de Mascotelos e de Tàgilde, e um crescido número de paroquianos das mesmas freguesias.*

*As homenagens foram brilhantemente encerradas, à noite, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, com uma Sessão solene presidida pelo sr. Presidente da Câmara, em representação do sr. Governador Civil do Distrito.*

*A Sessão assistiu, em lugar de honra, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda, estando também presentes o Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Câmara Municipal de Braga e o Ex.<sup>mo</sup> Vereador do Pelouro da Cultura da edilidade bracarense.*

*Aberta a Sessão, o Presidente da Soc. M. S., sr. Coronel Mário Cardozo recordou a figura e a obra do vimaranense dos mais ilustres, que foi o 29.º Abade de Tàgilde, e que pelos seus méritos, inteligência e dedicação soube conquistar a admiração geral. Referiu-se ao polígrafo, de assinaladas actividades intellectuais, bem como à sua obra no Município e ainda na Sociedade Martins Sarmiento, da qual era sócio desde a fundação da Colectividade em 1882. Falou, depois, dos seus trabalhos literários e disse estar certo de que, no próximo ano, a cidade de Guimarães poderá glorificar e perpetuar, no bronze e no granito, a lembrança de dois ilustres vimaranenses: Alberto Sampaio e o Abade de Tàgilde.*

*Seguidamente, referiu-se ao conferencista da noite, o sr. dr. Eduardo de Almeida, para quem teve*

*rasgados e justos elogios. Entre aplausos, foi dada então a palavra ao distinto Escritor, que iniciou a sua brilhante Conferência. O primoroso trabalho foi muito apreciado pela numerosa e selecta assistência.»*

Enviaram expressivas cartas de adesão às comemorações, por não terem podido comparecer pessoalmente, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz e o Escritor e Advogado Sr. Dr. Luis de Oliveira Guimarães, parente do homenageado.

Junto da casa onde faleceu o glorioso Abade, na freguesia de Tagilde, e após o descerramento pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Beatris Mendes de Oliveira, afilhada do homenageado, da lápide ali afixada, foi por todas as pessoas presentes assinado o seguinte

AUTO DO DESCERRAMENTO  
DAS  
LÁPIDES COMEMORATIVAS  
DO  
1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO  
**PADRE JOÃO GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES**  
**ABADE DE TAGILDE**  
AFIXADAS POR INICIATIVA DA  
CÂMARA MUNICIPAL E DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO  
NA CASA ONDE NASCEU ESTE INSIGNE VIMARANENSE  
A 29-XII-1853  
E NA CASA ONDE FALECEU  
A 20-IV-1912

---

Aos vinte e nove dias do mês de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e três, respectivamente nas freguesias de Mascotelos e de Tagilde, deste Concelho de Guimarães, foram solenemente descerradas, por iniciativa da Câmara Municipal e da Sociedade Martins Sarmento, duas lápides comemorativas, a primeira das quais na casa onde nasceu aos vinte e nove dias do mês de Dezembro de mil oitocentos e cinquenta e três, o erudito Diplomata e Arqueó-

logo Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, ABADE DE TAGILDE sita no lugar de Bugalhós de Baixo, da Freguesia de Mascotelos, e a segunda na casa da residência paroquial de Tàgilde, onde o mesmo faleceu, aos vinte dias do mês de Abril de mil novecentos e doze. Compareceram a estes actos memorativos do glorioso Homem de Ciência, entidades oficiais do Concelho e do Distrito, representantes das Autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos Estabelecimentos culturais, Agremiações vimaranenses, Imprensa, etc. E para constar se imprimiu, em duplicado, o presente auto, para ser conservado um exemplar no Arquivo Municipal desta cidade, e outro no da Sociedade Martins Sarmento.

---

À «Revista de Guimarães» foi concedida a distinta honra de publicar os discursos oficiais pronunciados nas diversas cerimónias consagradas ao Abade de Tàgilde, bem como a magnífica Conferência do ilustre Escritor Vimaranense Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que a seguir inserimos pela ordem em que tais orações foram proferidas.

*Alocução do Vimaranense Rev.º P.º Arlindo Ribeiro da Cunha, Prof. do Seminário de Santiago, de Braga, após a missa rezada na Igreja da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, por alma do Abade de Tàgilde.*

Ex.<sup>mas</sup> Autoridades eclesiásticas, administrativas e civis,

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Sociedade Martins Sarmento,  
prezados consócios,  
cristãos e vimaranenses:

Prezo acima de tudo a minha dignidade sacerdotal; honro-me de haver nascido em terras de Guimarães; e, em horas vagas do meu santo ministério, escrevo algumas páginas, embora insulsas e descolo-

ridas, de história local. Se, porém, me é lícito, em alguma circunstância, desejar ser coisa diferente do que sou, queria eu, neste momento, não ser padre, não ser vimaranense, não ser investigador. É que, nesse caso, me julgaríeis mais insuspeito no que vou dizer dum homem que, nascido em nossa terra, honrou o Sacerdócio, serviu, mais que ninguém, o berço da Pátria, e enriqueceu as Letras nacionais. Sim, Ex.<sup>mos</sup> Senhores! O nome do P.<sup>e</sup> João Gomes de Oliveira Guimarães fulge, como astro de primeira grandeza, na pléiade de vimaranenses ilustres, como o P. Torcato Peixoto de Azevedo, D. Agostinho Barbosa, P. António José Ferreira Caldas, Martins Sarmento, Alberto Sampaio, João de Meira e Alfredo Pimenta.

Nascido em Mascotelos há precisamente um século, e oriundo duma família nobre pelo sangue e mais ainda pelos sentimentos morais e cristãos, seguiu estudos. Nos liceus de Coimbra e Braga, onde cursou os preparatórios, manifestou dotes peregrinos de inteligência, aliados a um comportamento exemplar. Era essa uma época de descrença e, nos meios escolares de então, considerava-se prova de inferioridade mental a prática da religião dos nossos maiores. Mestres enfatuados de ciência a revezes balofa, permitiam-se alardear um ateísmo irritante, proclamar uma pertensa antinomia entre a Ciência e a Fé, e ofender publicamente as convicções religiosas da grande maioria dos portugueses e uma religião que era a do Estado.

Não deixou, porém, o novo escolástico que essas lufadas escaldantes de descrença o atingissem em seus sentimentos religiosos. Havia-o premunido contra o mal a sólida educação cristã recebida no sadio ambiente familiar; e o afincou com que se applicava ao estudo constituiu novo antidoto contra o vírus da descrença e da irreligião.

Com a docilidade e aproveitamento escolar, mereceu ele a consideração e amizade dos mestres, que — honra lhes seja — sempre o distinguiram com a sua amizade e o premiaram com as mais altas classificações. Concluídos com êxito feliz os estudos liceais, que carreira irá escolher o novo académico? Era

num tempo em que até as famílias mais nobres e opulentas se consideravam honradas com ter um ou mais filhos no número dos ministros de Deus. E efectivamente o sacerdote é, na ordem espiritual, o maior poder da terra, e o próprio Céu lhe presta rendida homenagem. Se o Monarca mais poderoso ofendeu a Majestade Divina, só lhe será remitido o pecado se ajoelhar, contrito e repeso, aos pés dum sacerdote. Os próprios Anjos, superiores ao homem por natureza, não desempenham funções tão sublimes como as do padre. Os espíritos angélicos entoam os louvores divinos e adoram continuamente o seu e nosso Deus. Não lhes foram todavia concedidos poderes sobre a Eucaristia, ao passo que o sacerdote é bem mais que um devoto servidor de Jesus Sacramentado.

Assim como Maria Santíssima, com um *fiat* de humildade, fez descer Deus do Céu ao seu castíssimo seio e o teve às suas ordens durante trinta anos, assim também o padre, por meio das palavras da Consagração, faz aparecer Jesus no Altar do incruento Sacrifício.

Seria, pois, a honrada família de João Gomes de Oliveira Guimarães que, levada de considerações de ordem sobrenatural, tomou a iniciativa de fazer o esperançoso jovem subir os degraus do altar?

Se assim fosse, teria o futuro sacerdote frequentado desde criança o Seminário, sem necessidade de ir a Coimbra matricular-se no Curso liceal; mas, em qualquer dos casos, a escolha do estado sacerdotal foi livre e voluntária. Queria o brioso académico consagrar a sua vida ao bem do próximo, em missão altruísta e de caridade. Para isso, frequentou em Braga o Curso Teológico, de 1872 e 1875, onde obteve as classificações mais elevadas: *nemine cum laude* no primeiro ano e *nemine* com distinção no 2.º e 3.º. Em 23 de Setembro de 1876, recebia ordens de Missa.

Era num tempo de superabundância de Clero, e não quis a Divina Providência que o novel sacerdote fosse logo encarregado do múnus pastoral. Foi uma bênção do Céu cada um desses anos de espera. Soube, durante eles, o P. João Gomes

de Oliveira Guimarães enriquecer a sua fulgurante inteligência e apetrechá-la dos conhecimentos indispensáveis à realização da Obra grandiosa que nos legou. Ressoavam-lhe constantemente aos ouvidos as palavras que bem me poderiam ter servido de texto e que ele ouvia repetir aos seus professores e em que meditava durante os retiros preparatórios para as ordenações: *Quia tu scientiam repulisti. repellam te ne sacerdotio fungaris mihi*—Já que repeliste a ciência, afastar-te-ei de mim e não hei-de consentir que exerças para comigo as funções sacerdotais. *Labia sacerdotis custodiant scientiam et legem requirant ex ore eius*—que os lábios do sacerdote sejam a guarda da ciência... Estimulado por máximas tão salutares, alargou o P. João Gomes os seus conhecimentos de História Geral e estudou sobretudo Diplomática e Paleografia. Iniciada em Portugal pelo Cônego João Pedro Ribeiro a ciência da leitura, transcrição e interpretação dos documentos antigos, não tinham ainda esses estudos, no tempo do futuro Abade de Tàgilde, o desenvolvimento que hoje atingiram, e isso valoriza mais ainda o trabalho do grande investigador.

Ao mesmo tempo que ia estudando e reunia elementos para a sua grandiosíssima Obra, dedicava-se ele ao jornalismo e, com outros escritores, fundava *O Espectador* em 1883 e o *17 de Julho* no ano seguinte; e, honrando sempre o carácter sacerdotal, aí expandia os seus ideais e iluminava as inteligências dos leitores com doutrinas bem fundamentadas e expostas com clareza, elegância e precisão.

Em 22 de Abril de 1887, foi o P. João Gomes nomeado Abade de Tàgilde, cargo de que tomou posse em 2 do mês seguinte. Deixou nessa altura de ser tão assíduo na imprensa periódica, porque o bem das almas que lhe foram confiadas exigiam o sacrifício dessa sua inclinação para o jornalismo. Efectivamente, bem compreendia o novo Abade, que viria a morrer no meio das suas ovelhas, as suas obrigações pastorais. Sabia ele muito bem que um Padre que tem cura de almas, embora muitas vezes incompreendido, há-de assistir ao homem em todos os momentos da sua existência terrena e nem sequer

o abandona depois da morte. Com as águas lustrais do Baptismo, regenera-o para a vida da graça logo após o nascimento; ministra-lhe o ensino das verdades da fé; ampara-o na infância e na adolescência; defende-lhe a virtude e a honra; abençoa-lhe a união matrimonial, para que a família que constitui mereça o olhar complacente de Deus; vela-lhe à cabeceira, para que o não ache desprevenido a sombra negra da morte; e nem sequer o abandona após a saída desta terra de misérias. Depois da vida terrena, ainda lhe defende a memória e lhe sufraga a alma.

Mas o Abade de Tágilde não se limitou a catequizar os seus paroquianos e a administrar sacramentos, o que já era muito. Estudou a sua abadia, nos aspectos histórico e etnográfico, desde a pré-história aos tempos modernos, e deu à luz da publicidade, em 1894, um livro despretensiosamente denominado *Tágilde*, mas que é um modelo de monografias regionais. Foi um dos primeiros trabalhos do glorioso Escritor, mas manifesta bem o cuidado, o escrúpulo, na investigação, a probidade mental e o vasto saber do seu Autor. Era essa obra extraída já dos *Apointamentos para a História do Concelho de Guimarães*, de que deixou 4 volumes manuscritos nos arquivos da Sociedade Martins Sarmiento. A eles se refere no prólogo «Ao Leitor» doutro livro, *Guimarães e Santo António*, que, publicado no ano seguinte, em 1895, constitui a contribuição do nosso Concelho para comemorar o VII Centenário do grande Taumaturgo português. Nem toda a futura História do Concelho ficou inédita, e as monografias extraídas daí e publicadas na *Revista de Guimarães*, e em separata, bem manifestam o valor desses «Apointamentos». Um desses pequenos volumes versa sobre o *Abastecimento d'Águas Potáveis*; na *Revista*, são dignos de atenção os estudos sobre o «Couto de S. Torcato» e o «Couto de Ronfe».

Costumava o Abade de Tágilde escolher inteligentemente a ocasião oportuna para publicar os seus livros, e foi assim que em 1904, data das grandiosas festividades comemorativas do primeiro cinquentenário da definição dogmática da Imaculada Conceição,

apresentou a público, a exemplo do que fizera em 1895 com *Guimarães e Santo António*, um livro que convinha continuar, actualizar e publicar de novo em 1954.

Refiro-me ao volume «*Guimarães e Santa Maria — História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*». Para o redigir, percorreu o Abade de Tãgilde, que não costumava escrever sobre o joelho, os arquivos paroquiais, diocesanos e das diversas corporações da nossa terra, e folheou monografias, crónicas e grossos volumes de fastidiosos escritores, e assim nos legou um livro modelo no género, que só é pena não ser mais conhecido e manuseado.

Nas viagens de recolha de elementos para a projectada história do Concelho, encontrava por vezes o egrégio investigador documentação mal acautelada que já hoje não existiria se não fosse o seu carinho e interesse por essas coisas que outros julgariam inúteis e desprezíveis. Foi o que aconteceu aos *Documentos Inéditos Relativos ao Mosteiro do Salvador do Souto*. Embora os arqueólogos vimaranenses não houvessem dedicado, como ainda hoje não dedicaram, à célebre fundação de D. Paio Guterres a atenção que merece, por lá andou o Abade de Tãgilde, e aí se lhe depararam cerca de 90 pergaminhos com escrituras valiosas, umas em latim e outras em português, que vão dos Séculos XII a XV. Decifrou-os cuidadosamente, com paciência beneditina, sujeitando a leitura dos passos duvidosos ou mais difíceis de interpretar ao elevado critério de Martins Sarmento, dispôs-os por ordem cronológica e publicou-os em 1896. Não contente com esse trabalho, custoso e altamente meritório, traçou em 10 páginas suculentas a história do célebre Convento medieval, e enriqueceu ainda o cartolário, agora posto ao alcance de todos os estudiosos, com dois índices alfabéticos: um antroponímico e outro toponímico.

Importantíssimo este trabalho, que aliás não é o principal do Abade de Tãgilde. O mais notável, o que presta mais serviços aos historiadores e que, no género, é único no País, é a preciosa colectânea de documentos conhecida pelo nome de *Vimaranis Monumenta Historica*.

Se esse livro não existisse há decénios, se eu mesmo o não houvesse utilizado inúmeras vezes, não acreditaria na possibilidade de um só homem organizar trabalho de tal magnitude. Começou na Europa, com os *Monumenta Germaniæ Historica*, o uso de reunir em volumes especiais os documentos referentes a cada Nação. Uma vez lançada e posta em execução, encontrou essa luminosa ideia eco em Portugal, na Academia das Ciências de Lisboa que encarregou Herculano de organizar os *Portugalix Monumenta Historica*. São, porém, de sua natureza tão morosos esses trabalhos e tão ericados de dificuldades, que o volume *Diplomata et Chartæ*, iniciado em 1874, ou seja há 79 anos, parou nos documentos de 1111, ano em que é provável ter nascido o Senhor Rei D. Afonso I; e as *Inquisitiones*, de 1888 até ao presente, não abrangem ainda todas as actas referentes ao reinado de D. Afonso III (1258). Pois, meus Senhores, o Abade de Tágilde meteu sozinho mãos à obra, e, embora aproveitasse a parte já publicada nos *Portugalix Monumenta Historica*, teve de percorrer os arquivos da Nação, foi a Braga ao *Liber Fidei* e ao *Rerum Memorabilium*, foi à Torre do Tombo, e leu em primeira mão, interpretou e deu à luz da publicidade centenas de documentos ainda inéditos. Não pararam em 1111 os documentos dos *Vimaranis Monumenta Historica*, mas vão de 870 a 1381, e as inquirições de D. Dinis (1290, 1301, 1304 e 1308), que não serão publicadas em nossos dias nos *Port. Mon. Hist.*, na parte referente a Guimarães foram postas ao nosso alcance pelo Abade de Tágilde.

Além disso, os *Port. Mon. Hist.* fazem a transcrição pura e simples dos documentos, apenas com breves notas ao fundo da página a indicar as variantes das diferentes cópias de cada espécie documental, ao passo que as anotações do Abade de Tágilde são abundantíssimas, com a identificação toponímica dos documentos, o que representa um trabalho assombroso. E, como se tudo isso não bastasse, ainda no fim do volume aparecem três índices alfabéticos; dos documentos por freguesias, dos nomes próprios e dos nomes toponímicos.

Sinto-me obrigado a pôr termo às minhas palavras, embora o assunto esteja longe de esgotado. Nesse peregrinar que ides fazer pelas terras afortunadas que lembram a passagem do grande Historiador, tereis ocasião de recordar o restante. Não se calará, porém, a minha débil voz sem salientar a circunstância da brevidade relativa da vida do Escritor. Nascido ao expirar o ano de 1853 e falecido a 20 de Abril de 1912, saiu o Abade de Tãgilde do meio de nós apenas com 58 anos completos. E em tão pouco tempo, formou o seu espírito, enriqueceu a inteligência, aumentou a erudição, dedicou-se ao ministério sacerdotal, praticou o jornalismo e deixou uma Obra prodigiosa em muitos volumes e tratando de variados assuntos. Ao folhear os seus livros, invade-nos o assombro, mais que a simples admiração, e não podemos deixar de repetir aquilo do Livro Santo: *consumatus in brevi, explevit tempora multa* — Não durou muito, mas fez em poucos anos o que outros não realizaram numa longa vida.

Senhores! Todo o trabalho informado pela caridade é meritório aos olhos de Deus. Está por isso no Céu o Abade de Tãgilde a gozar o prémio das suas virtudes e o fruto do seu labor desinteressado em prol da Ciência. Que ele do Trono do Altíssimo, onde assiste, peça ao Senhor Deus pela união da Família Vimaranesense, para que a nossa querida terra, que ele tão bem serviu, seja cada vez mais digna dos grandes homens que nela floresceram.

---

*Palavras proferidas no Cemitério de Mascotelos, junto do túmulo do Abade de Tãgilde, pelo Senhor Dr. Augusto Cunha, Presidente da Câmara Municipal, que ali depôs uma coroa de louros.*

Orgulha-se Guimarães de ter possuído no último quartel do século passado uma grande geração, fértil em talentos: Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, José Sampaio, Domingos Leite de Castro, Avelino da Silva Guimarães, Avelino Germano da Costa Frei-

tas, Conde de Margaride, Abade de Tàgilde, Joaquim José de Meira, e outros.

Desta geração de homens inteligentes e de notável acção, três nomes devem ser colocados no primeiro plano: Martins Sarmiento, Alberto Sampaio e o Padre João Gomes de Oliveira Guimarães (Abade de Tàgilde).

Abade de Tàgilde, exemplo vivo de tenacidade, soube como poucos enfrentar o labirinto das interpretações, na leitura de documentos dum longínquo passado, percorrendo trinta anos da sua vida jungido ao estudo; estudo demorado, atento e paciente, que tanta luz veio trazer para a verdadeira história de Guimarães, que até então estava totalmente por fazer, pelo menos em bases científicas, ficando a dever-se-lhe um estudo fundamentado, orientado de forma rigorosa e consciente, verdadeiramente honesto e perfeito.

Na «Revista de Guimarães» onde manteve notável colaboração, com a sua larga erudição e profundo saber, escreveu magníficas e valiosas monografias sobre a freguesia de Tàgilde, que com tanto amor e zelo apostólico pastoreou, sobre o Couto de S. Torcato, a Terra das Caldas de Vizela, sobre as Festas Camarárias, as Epidemias em Guimarães, o Abastecimento de Água à Cidade, e ainda a publicação de muitos e valiosos documentos que jaziam no esquecimento, como os pergaminhos dos séculos XII a XV do Mosteiro de Souto.

Como coroa de glória dos seus estudos, destacam-se os «Vimaranis Monumenta Historica», que a sua morte prematura não deixou concluir, acompanhando-o para a frieza da campa esse profundo desgosto.

Dois dias antes de morrer dizia ao malgrado Prof. João de Meira: É Você quem há-de tomar conta dos «Vimaranis»; mas a morte já então ocupada em roubar-nos os melhores valores de Guimarães, dezasete meses após a morte do Abade de Tàgilde ceifa também o espírito gentilíssimo do Prof. João de Meira, abrindo assim irreparável suspensão nos estudos da história de Guimarães.

Simultaneamente com os trabalhos a que profundamente se dedicara, interessou-se o Abade de Tàgilde

também pela política do seu tempo; e, assim, foi ilustre Presidente da Câmara Municipal, pondo ao serviço da cidade e do concelho o seu grande talento, e produzindo obra útil e criteriosa.

Do seu grande amor à Terra de Guimarães são bem expressivas estas palavras do citado Prof. João de



*O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães lendo o seu discurso junto do túmulo do Abade de Tãgilde, no cemitério de Mascotelos.*

Meira: «Minhoto sem mescla de sangue estranho, pelo menos durante cinco gerações, o Padre João Gomes de Oliveira Guimarães amou deveras o concelho onde nasceu, viveu e morreu».

Teve sempre como timbre da sua vida de homem e de sacerdote uma bondade extraordinária, o que levou o povo na sua apreciação, por vezes bem

singular, quando a sua alma deu entrada no seio de Deus, a atribuir-lhe santidade.

Junto da campá fria onde repousam as cinzas que albergaram a nobre alma e o espírito cintilante do Abade de Tàgilde, um dos maiores vimaranenses dos últimos tempos, quero reproduzir as palavras do Prof. Egas Moniz, pronunciadas quando da morte desse também grande espírito de erudito e de sacerdote que foi o Abade de Baçal, e que neste lugar têm o melhor cabimento: «Aqui apenas chegarão as brisas de respeito e de consideração dos que, venerando a sua memória, tiveram o culto das altas qualidades que o tornaram grande: a honestidade, a erudição e a bondade».

Neste dia soleníssimo para a Terra de Guimarães, em que comemoramos o primeiro centenário do nascimento da grande figura do Abade de Tàgilde, evoquemos a sua memória com o preito do nosso maior respeito e veneração e peçamos a Deus que o guarde na Sua Santa Glória, para que o seu formoso espírito não desampare todos os que pugnam pela dignidade da Terra que foi seu berço.

---

*Discurso do Sr. Dr. Carlos Saraiva Brandão, Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, no acto do descerramento da lápide inaugurada na Casa onde nasceu, em Mascotelos, o Abade de Tàgilde.*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal,  
Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Sociedade Martins  
Sarmiento e meus senhores:

Faz hoje precisamente cem anos que na Casa dos Abreus, desta freguesia de S. Vicente de Mascotelos, nasceu João Gomes de Oliveira Guimarães.

Foi a 29 de Dezembro de 1853 que, neste humilde e apagado arrabalde da nossa cidade, abriu pela pri-

meira vez os olhos para a doce e inebriante clareza do dia e também para as angústias e incertezas inerentes ao nascimento de cada um — aquele que havia de ser um dos vimaranenses mais notáveis e insignes num período em que floresceram inteligências admiráveis e robustas como as de Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, já então consagradas pelos seus méritos, e outras como as de João Meira e Alfredo Pimenta, em plena ascensão para a glória.

Filho de Jacinto Gomes de Oliveira e de D. Maria Alves de Abreu Pereira, depois de concluir em 1872, com a idade de 19 anos, o curso liceal de preparatórios, a sua arreigada disposição para a vida eclesiástica levou-o a matricular-se no Curso Teológico do Seminário de Braga.

Aí, em intenso amor ao estudo, se mostrou a sua lúcida inteligência, ao obter as mais altas classificações. Em 1873 concluía o 1.º ano; em 1874 concluía o 2.º e em 1875 fazia o 3.º com distinções sucessivas.

A 23 de Setembro de 1876 recebia ordens de presbítero e quase onze anos depois, a 2 de Maio de 1887 tomava posse efectiva da paróquia de Tãgilde, onde já se encontrava na qualidade de pároco colado, desde 27 de Janeiro desse mesmo ano.

Só a deixou por morte, no fim de 25 anos, ou seja a 20 de Abril de 1912, com a idade de 60 anos incompletos.

Referi-me há pouco a Martins Sarmiento e a Alberto Sampaio.

Na verdade, por ordem de nascimento, Sarmiento era o mais velho, pois nasceu a 9 de Março de 1833. A 15 de Novembro de 1841 ou seja oito anos depois, nascia Alberto Sampaio e em 1853 nascia João Gomes de Oliveira Guimarães.

Era assim mais novo vinte anos que Sarmiento e mais novo doze anos que Alberto Sampaio.

Admirável e opulento período esse para a história intelectual de Guimarães, e que felizmente se não findara com essa grande figura de monógrafo e diplomata de merecimento, antes se continuara com João de Meira e Alfredo Pimenta, para só falar nos que a morte levou. João de Meira, à data do seu

falecimento tinha 31 anos de idade, pois nascera a 31 de Julho de 1881 e apenas lhe sobrevivera um ano e poucos meses por ter falecido a 25 de Setembro de 1913, com 32 anos, no vigor da mocidade e na pujança dum talento largamente promissor. Sarmiento, apaixonado exumador de velhas civilizações, ignoradas e soterradas na profundidade do solo, tornara-se Arqueólogo de renome europeu e Etnólogo de valor. A Citânia de Briteiros e o Castro do Sabroso, especialmente a Citânia de Briteiros, aí estão como marcos da cultura vimaranense e das suas nobres tradições científicas. Alberto Sampaio—legou-nos estudos valiosos sobre investigação histórica e de índole económica.

A ele se referiu Luis de Magalhães, nestes termos: «era um escritor à antiga, uma espécie de beneditino trabalhando pacientemente as suas obras, investigando com meticulosidade as suas fontes e documentos, escrevendo com escrúpulo vernáculo numa língua simples, clara, elegante na sua sobriedade, nobre na sua despretensão.»

Aí temos algumas das suas obras: *Estudos de Economia Rural do Minho; A Propriedade e Cultura do Minho; As Vilas do Norte de Portugal e As Póvoas Marítimas*. Mas, a que propósito se fala aqui de Martins Sarmiento e de Alberto Sampaio?

Simplesmente, como referência à posição brilhante que o meio vimaranense oferecia no quadro geral da Cultura nacional, e como padrão de medida da estatura mental do Abade de Tágilde.

Eram todos de elevada estirpe intelectual.

Cada um sobressaiu na especialidade que as suas inclinações e conhecimentos abraçaram.

De facto, o Abade de Tágilde foi o nosso maior e mais eminente monógrafo. Tão grande que Alfredo Pimenta fazia-lhe os mais rasgados elogios.

Guimarães deve-lhe trabalhos inestimáveis, pelos quais as nascentes da sua História se abriram, depois de esgotante trabalho de horas infindáveis, debruçado sobre pergaminhos indecifráveis, à luz mortíça e trémula dum candeeiro de azeite.

Pois esse Homem, que se dispersava pela política e pelo sacerdócio das almas, deixou-nos traba-

lhós de relevo, como: *Tinturaria Vimaranense*, *A Alçada de 1828 em Guimarães*, *Os D. Piores da Colegiada*, *O Convento de S.<sup>ta</sup> Clara*, *A freguesia de Tãgilde*, *O Couto de S. Torcato*, *O Couto de Ronfe*, *Caldas de Vizela*, *as Festas Camarárias*, *as Epidemias em Guimarães*, *o Teatro Vimaranense*, *o Abastecimento de Águas*, etc.

Devem citar-se ainda as publicações: *Guimarães e S.<sup>to</sup> António* e *Guimarães e S.<sup>ta</sup> Maria*, respectivamente saídas a público em 1895 e 1904. !

Depois, os *Documentos inéditos relativos ao Mosteiro de Souto*, dos séculos *xii* a *xv*, publicados em 1896.

Mas a obra capital do Abade de Tãgilde, diz-nos João de Meira em artigo publicado no n.º 2644 do jornal local *O Comércio de Guimarães*, de 23 de Abril de 1912, reproduzido depois na interessante publicação comemorativa da Exposição Industrial e Agrícola realizada em 1923, publicação que tem o expressivo título de *Guimarães — O Labor da Grei* e se deve à tenacidade e dedicação-bairrista do escritor e jornalista Francisco Martins, diz-nos João de Meira que a obra capital do Abade de Tãgilde, empreendida à custa do Município e cujo encargo recebido pela Sociedade de Martins Sarmento por ela lhe fora concedido, é a publicação dos *Vimaranis Monumenta Historica*. O que representa para nós esse monumento erguido ao estudo pelo esforço dum Homem! Ele ficou, além de outros, como reliquia do seu saber, da sua probidade intelectual e da sua paciência para a leitura e interpretação de documentos importantes relativos ao nosso passado.

Mas, por cima de tudo, o seu amor à terra natal, cujas raízes procurou obstinadamente descobrir. Tal a forte estrutura espiritual do Homem cujo nascimento a Câmara e a Sociedade Martins Sarmento, de mãos dadas, comemoram solenemente no dia de hoje.

Intelectual e erudito, o Abade de Tãgilde foi dos filhos desta terra que mais assinalados serviços prestaram ao nosso Concelho.

Fora do seu labor mental, que se desdobrava no estudioso e no sacerdote, a carga do qual estavam

as almas duma freguesia de honrosas tradições, pois ali nascera um Dominicano Vimaranense — S. Gonçalo de Amarante — e em 1874 o Bispo de Bragança e Miranda, D. José Lopes Leite de Faria, ainda lhe sobrava tempo para se dedicar às coisas políticas.

Assim, de 1902 a 1904 foi Vereador da nossa Câmara com o Dr. Joaquim José de Meira, na presidência. De 1905 até à implantação da República fôra seu presidente. Militando no campo progressista, foi proposto para seu deputado por Guimarães a 20 de Outubro de 1889, tendo perdido a eleição a favor de João Franco — o mesmo João Franco que um dia dele se havia de lembrar para o fazer Bispo, se acreditarmos nas palavras que a este respeito escreveu o seu compadre e adversário político José Maria de Freitas Carneiro, no jornal — *O Progresso de Paços de Ferreira*, artigo que *O Comércio de Guimarães* transcreveu no seu n.º 2647 de 3 de Maio de 1912. Nele se lê, a determinada altura: «nas lutas políticas foi sempre forte, mas também um vencido». Carácter lídimo como o asseveram amigos, e inimigos, se os tinha; austero no cumprimento dos seus deveres, foi um dia indigitado para empunhar o báculo de bispo.

Mais abaixo, vem a explicação da sua recusa: «habituei-me de tal forma à Sociedade Martins Sarmiento e à minha freguesia que, destas entidades tão queridas não me posso afastar».

Ainda do mesmo artigo: «Como cura d'almas o que foi o Abade de Tágilde?

Vejamos. Sem exageros ele pastoreava o seu rebanho com todo o amor e caridade, no que foi coadjuvado pela sua santa irmã.

A todos socorria, quer com o óbulo a necessitados, quer com os seus serviços políticos.

Onde via uma lágrima a enxugar ele lá aparecia.

As riquezas nunca as sonhou sequer e tendo ao princípio da sua carreira política e eclesiástica uma fortuna regular, e uma das abadias melhores, morreu pobre».

Com efeito morreu pobre de bens materiais, mas legou-nos o rico espólio do seu talento. E só por isso nos reunimos aqui hoje em homenagem à

memória do seu espírito, que não morrerá enquanto as gerações se sucederem em sentimentos de justiça, gratidão e saudade. E só esses prolongam a vida e a submetem a meditação, embora tardia.

Chegou o momento de terminar as minhas palavras.

Perdoem se ofusquei a memória dum Homem que religiosamente vive no cérebro e no coração dos homens cultos desta adorável terra de Guimarães. Foi um sacerdote de vida austera e exemplar que morreu pobre; foi um Historiador consciencioso e profundo da vida da nossa Cidade e Concelho; foi um Político hábil e respeitado que serviu a sua terra com amor.

Foi, como Sacerdote, como Historiador, — sobretudo como Historiador —, e como Político, sempre um Homem de bem e de grande estatura mental, cuja sombra cada vez se projecta mais distante, à medida que o tempo corre.

Se cada terra possuisse um da sua índole, em talento, devoção e cultura, a História de Portugal seria completa e esgotante de conteúdo e de narração.

«Evidentemente (diz-nos João Ameal, no Prefácio à sua *História de Portugal*) será indispensável que os estudos históricos possuam firme e honesto carácter científico: o primeiro objectivo a visar é saber o que se passou, se se passou e como se passou. Os grandes trabalhos eruditos subordinados a este objectivo, são os mais sólidos alicerces — indispensáveis, mesmo — sobre os quais tem de ser construída qualquer obra séria de História.»

Mais adiante, continua: «Desde que se queira formar uma ideia do que sucedeu outrora — imperfeita que seja, precária e relativa que seja, e só essa nos é permitida — temos de colocar-nos diante da vida em pleno curso. A História é a vida, tal o axioma inicial a propor. E não apenas a vida dos outros, — de outros tempos, de outros seres — mas a nossa vida, antes de nós.» Ainda mais este conceito: «O historiador é um homem — um homem que estuda, pondera, evoca, reflecte, acaba por ver e viver o passado».

Assim procedeu João Gomes de Oliveira Guimarães — o esclarecido Abade de Tàgilde — Homem culto que beneditinamente consagrou uma existência inteira a observar e a auscultar *a vida antes de nós*, no exame cuidadoso das suas fontes difíceis de atingir e decifrar; a procurar elementos com scrúpulo e seriedade, ignorados e esquecidos entre a poeira do tempo e a traça dos arquivos, e acabou *por vê-la e vivê-la* intensamente, e tão intensamente que cedo adoeceu e cedo morreu para que Guimarães ficasse privada das suas altas qualidades de investigador erudito da sua História gloriosa.

---

*Discurso do actual Pároco da freguesia de Tàgilde, Rev.º P.º Abílio da Silva Ferreira, no acto do descerramento da lápide inaugurada na casa da residência paroquial, onde faleceu o Abade de Tàgilde.*

Ex.º Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,

Ex.º Senhor Presidente da Sociedade Martins Sarmiento,

Ex.º e Rev.º Senhor Arcipreste de Guimarães,

Meus Senhores e minhas Senhoras :

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão sejam rendidos ao grande e notabilíssimo Abade desta nobre e histórica freguesia do Divino Salvador de Tàgilde, situada « in ripa Avisela », nas formosas e ridentes margens do poético e cantado Rio Vizela.

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão lhe tributam, com a maior saudade, em justa homenagem, todos os filhos de Tàgilde, que jamais o esquecerão.

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão ao grande e notabilíssimo Abade que foi de

Mascotelos, onde nasceu, na Casa dos Abreus, do Lugar de Bogalhós, e, por excelência e nobreza, depois Abade de Tãgilde, sejam prestados, neste dia memorável em que o Berço da Pátria lusa celebra o 1.º Centenário do seu glorioso nascimento.

Meus Senhores :

Foi-me pedido dizer algumas palavras, nesta comemoração centenária, e logo me veio à lembrança exclamar, como o Profeta : « *Nescio loqui quia puer ego sum!* », Não sei falar porque sou pequeno demais diante de tanta grandeza, de tanto valor e de tanto saber de um gigante que me arrebatava e surpreende! Sou um verdadeiro pequenino que, maravilhado e surpreendido diante de tanta grandeza, de tanto valor e de tanto saber, abro a boca e só sei balbuciar: — que grande valor, que grande sábio e mestre!

O Senhor Cónego Doutor Correia Pinto, Professor ilustre do Seminário do Porto e notável orador sagrado, dizia que muito admirava o Abade de Tãgilde pelo seu alto valor e saber; e Dom Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo de Braga, afirmava que, de entre o seu clero, era este sacerdote um dos mais ilustrados.

Meus Senhores :

Sempre as coisas grandes tiveram o direito de serem tratadas com a grandeza que merecem, e por quem jamais possa diminuir ou apagar o brilho e o esplendor da sua grandeza. Sempre as coisas grandes tiveram o direito de serem tratadas no lugar próprio e mais digno da sua grandeza. A bem considerar, seria, a meu ver, nesta nobre e histórica residência abacial de Tãgilde que deveriam talvez concentrar-se as comemorações deste dia tão notável para esta freguesia, para Guimarães, para a Nação, para a Igreja Católica, e para a maior honra e glória de tão ilustre e prestigioso Abade! Tudo o reclamava — o passado histórico da freguesia de Tãgilde, o da sua Igreja e o da sua residência abacial.

A atestar esse passado, de remota grandeza, da terra atanagildense, aí estão os túmulos pré-históricos de um antigo povo, no alto do Monte de S. Bento; o *Penedo de S. Gonçalo* (Santo nascido

nesta freguesia) repleto de insculturas e còvinhas, vestígios indecifráveis desse povo primitivo. A atestar esse passado longínquo lá se guarda em Guimarães, no Museu da Sociedade Martins Sarmento, uma ara encontrada nos terrenos do passal desta freguesia, consagrada às *Ninfas Lupianas* (deusas dos lobos?) por voto de uma Antónia Rufina. A confirmar essa antiguidade aí temos os topónimos—*Agra de Mouros*, *Godinhas*, *Outeiro e Campo de Cales*, as vilas *Atanagilde* e *Cornaria*, ou *Corneira*, a villa de S. Tiago de *Padroso*. «*In ripa Avisela portionem (terrae) in villa Atanagildi*» doou, no ano 959, a Condessa Mumadona Dias ao Mosteiro de Vimaranes, por ela fundado. A atestar ainda tão antigo passado aí temos *As Quintãs*, que foram velho solar neo-godo, e o *Covelo*, pequeno castelo.

#### Meus Senhores:

Nos começos do século XII estabeleceram-se pelas margens do Vizela os descendentes do Conde Dom Pedro Fromariz, tronco de numerosa e nobre família, conhecida com o apelido de *Riba-Vizela*, ostentado por muitos fidalgos, como os Alvins, Cirnes, Melos, Maias, Martins, Pereiras, Penelas, etc., os quais foram padroeiros desta freguesia, pois eram eles os que escolhiam, para Abades dela, os Cônegos da Colegiada de Guimarães e da Sé de Braga, muitos dos quais pertenceram à nobreza desse mesmo tronco heráldico. Teve a freguesia de Tâgilde como Abades, desde que há memória histórica, sete que eram Cônegos da Colegiada de Guimarães, quatro da Sé de Braga, cinco Doutores, um Mestre-perito em Medicina, um parente de S. Gonçalo, e ainda um Abade que, pelas suas ideias miguelistas, foi envolvido em três alçadas, três vezes julgado e três suspenso. Tendo-se refugiado em Joane (Famalicao), esteve depois preso nos Aljubes do Porto e de Braga, voltando de novo, em 1834, para esta freguesia, onde faleceu, havendo-a paroquiado durante 43 anos. Chamava-se ele Luciano José Pinto dos Reis e Oliveira.

Em 20 de Março de 1338 foi apresentado Abade desta freguesia Francisco Martins, que era Cônego da Colegiada de Guimarães, onde fora provido pelo

Papa João XXII. Pretendera o Arcebispo de Braga obriga-lo a exame antes de lhe conferir a instituição Canónica; porém ele apelou para a Santa Sé, declarando que, como Cónego, já tinha instituição Canónica, e que era pessoa letrada bem conhecida em Braga, Guimarães e outras terras. Mas como tinham sido apresentados pela nobreza mais nove sacerdotes, recebeu o Cónego que o prelado conferisse a instituição Canónica a algum desses, e então, cautelosamente, lavrou um protesto em documento público, alegando e salvaguardando os seus direitos.

Em 1258 o Conde Dom Gil Martins de Riba-Vizela foi padroeiro desta freguesia e aqui possuía a Honra das Quintãs, com dois casais; e sua filha Dona Tareja era Senhora do Paço de Arriconha, onde nasceu S. Gonçalo.

Teve a freguesia oito capelas pertencentes a outras tantas casas fidalgas. É Tágilde, como se vê, uma nobre, antiga e histórica freguesia.

Pelo que respeita à actual residência paroquial, foi ela mandada construir em 1692, pelo Abade e Bacharel em Cânones, Bento Soares Coutinho, de Cernande (Felgueiras). Foi edificada com toda a grandeza, especialmente o salão de festas, que possuía um magnífico tecto apainelado e de formosa talha, tendo ao centro o braço de Armas partido em quatro quartos, do Abade fundador, e encimado pelo chapéu abacial. Este interessante tecto foi infelizmente vendido e daqui retirado. há bastantes anos pelo comprador.

No Livro das Visitas, que se encontra neste Arquivo paroquial, um dos Visitadores lançou a verba de que, entre todas as residências que havia percorrido em Riba-Vizela, era esta uma «*das mais nobres*»; e um outro registou que era esta «*a mais sumptuosa*».

Meus Senhores :

Se outros pergaminhos históricos esta freguesia não tivesse para ostentar, bastaria, para a tornar célebre, o Tratado de Aliança anglo-português aqui assinado, na Igreja românica de então, em 10 de Julho de 1372. Depois de, há pouco tempo, aqui

se haver comemorado solenemente essa data, pude averiguar que, quando se firmou o Tratado, era Abade da freguesia Vasco Vicente, a quem o Cónego Chantre da Colegiada de Guimarães Vicente Domingues deixara em testamento avultada fortuna, sob a cláusula de esses haveres reverterem para a Colegiada, no caso de se extinguir a linha de sucessão do Abade. Era então Cónego Chantre da Sé de Braga Vasco Domingues, talvez parente do da Colegiada, por ostentarem o mesmo apelido, e ambos possivelmente parentes do então Abade de Tàgilde, cujo nome de Vasco Vicente era formado pelos nomes de baptismo dos dois Cónegos. Seria por influência destes Cónegos e do Abade de Tàgilde que o Tratado de Aliança foi firmado nesta freguesia? Em favor desta hipótese, existe o facto de aquele Chantre de Braga, Vasco Domingues, ter acompanhado o Conde de Andeiro a Inglaterra, onde foram como embaixadores de Portugal, para obterem a ratificação do Tratado.

Creio que demonstrado fica, meus Senhores, nestas minhas breves palavras, o valor histórico desta freguesia—quanto ao seu território, à sua Igreja, e à casa da residência abacial, onde, durante 25 anos, num trabalho insano de investigação e de estudo, o ABADE DE TÀGILDE, Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, se tornou verdadeiramente digno de admiração, de estima e de apreço, pelas suas virtudes, pelo seu merecimento, pelo seu trato, pela sua actividade, pela sua diplomacia, bondade e grandeza de alma. Foi um verdadeiro sábio, um investigador, um político hábil e honesto e um vigoroso jornalista.

Vou terminar com as mesmas palavras com que comecei:

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão lhe rendam sempre os filhos desta freguesia, da qual ele deixou escrita a sua nobre e brilhante história, numa primorosa Monografia intitulada TÀGILDE—*Memória histórico-descriptiva*.

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão lhe tribute a Sociedade Martins Sarmiento, à qual ele deixou todas os seus manuscritos inéditos.

Honra, glória e louvor, reconhecimento e gratidão lhe tributem a Igreja e a Nação Portuguesa, porque, também para honra e glória da Padroeira de Portugal e do seu maior Santo, lhes consagrou as suas obras «*Guimarães e Santa Maria*» e «*Guimarães e Santo António*».

Cubramos pois de louros a nobre e altiva fronte do grande Abade de Tàgilde, honra e glória da histórica freguesia Atanagildense, honra e glória do Berço da Monarquia, honra e glória da Igreja e da Nação Portuguesa.

---

*Palavras proferidas pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Sr. Coronel Mário Cardozo, na abertura da Sessão Solene realizada nesta Instituição Cultural em honra do Abade de Tàgilde.*

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo da Guarda, Senhor D. Domingos.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, em representação de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Governador Civil do Distrito.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quase ao findar do mês de Dezembro de há 100 anos, porventura num luminoso dia, calmo e frio, como são por vezes estes dias límpidos de sol de inverno, em que a relva esmeralda dos campos aparece coberta da poalha prateada da neve, ou talvez num dia tempestuoso, escuro e agreste, como tantas vezes o ano velho se despede — viu a luz do mundo, numa antiga casa de abastados proprietários rurais, do Lugar de Bogalhós de Baixo, na freguesia suburbana de S. Vicente de Mascotelos, o infante que, no dobar do tempo, havia de vir a ser o sacerdote de tantos méritos e virtudes, e que ficou conhecido na história da nossa terra e nos meios literários,

científicos e políticos do País, pela designação popular e singela de — ABADE DE TÀGILDE.

Foi este 29.º Abade de Tágilde, Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, Vimaranesense dos mais ilustres, dotado de tão altas qualidades de inteligência e de carácter, homem erudito e sábio, investigador honesto e seguro, arqueólogo, numismata e epigrafista; historiador, diplomata e genealogista; brilhante orador sagrado e académico; político habilíssimo; escritor e jornalista — um polígrafo, em suma, de tão omnímodas actividades intellectuais, que, na verdade, não podia a Cidade de Guimarães deixar no esquecimento o Centenário do nascimento de quem tanto soube honrar o seu Concelho natal, e lhe prestou tão assinalados serviços, quer nos domínios da Cultura, quer nos do seu progressivo desenvolvimento material e económico. Por largos anos deu ao Município, com incansável esforço, a sua actividade política e administrativa, ora como simples vereador, ora como presidente, lugar que exerceu até o advento da República, e que nessa altura abandonou, fiel aos seus princípios e às suas ideias políticas. Durante 4 anos, desde 1902 a 1905, prestou também a sua valiosa cooperação a esta nossa Colectividade, como presidente da Direcção, e durante 6 anos como simples vogal. Nutria uma dedicação sem limites pela Sociedade Martins Sarmiento, da qual era sócio efectivo desde a sua fundação, em 1882, tendo sido elevado, após os primeiros 10 anos de magníficos serviços que lhe prestou, à categoria de Sócio Honorário. Privou de perto com as mais notáveis personalidades do seu tempo, na política e na Cultura literária e científica, contando-se, entre os numerosos amigos, que o admiravam e sabiam dar o justo valor ao seu talento, o glorioso Patrono desta Instituição, Doutor Francisco Martins Sarmiento.

Publicou o Padre João Gomes de Oliveira Guimarães diversos trabalhos que ficaram constituindo uma Obra literária de assinalado relevo, e que, não sendo extensa, é todavia de uma indiscutível importância. Mas, entre todas as suas produções, resalta como a mais notável, capaz de por si só fazer a reputação de um investigador, essa magnífica colec-

tânea de documentos históricos, que constituem os Anais do nosso Município, e a que deu o título de VIMARANIS MONUMENTA HISTORICA. A morte prematura não lhe permitiu levar até final esse canseroso trabalho de investigação e de coordenação histórica, apesar de nos deixar, já impressas as duas partes que constituem o 1.º tomo, e ainda grande número de cópias de documentos manuscritos, obtidas em largo tempo de estudo e rebusca pelos Arquivos nacionais, particularmente no da Torre do Tombo, originais que ele destinava ao volume 2.º. Só após o falecimento, em 1912, do insigne Abade, se pôde avaliar, na justa medida, a sua falta irremediável para o prosseguimento dessa Obra notabilíssima, pois não mais ela encontrou continuador, apesar da inegável competência que, para esse fim, possuíam alguns dos nossos mais destacados escritores, que ao Abade de Tãgilde sobreviveram. Faltava a estes, não a autoridade, mas a tenacidade no esforço, a garra intelectual que animou a vontade do investigador incansável, o qual, umas vezes isolado nos arquivos silenciosos de velhas casas fidalgas, outras, na tranquilidade imperturbável da sua paróquia rural, se debruçava, como um beneditino, sobre os in-fólios, absorvido na interrogação dos pergaminhos cujos textos desvanecidos os séculos quase haviam apagado totalmente.

Mas, além da sua Obra impressa, deixou inúmeros manuscritos, que aguardam publicação, hoje felizmente em segurança no Arquivo de Reservados desta Sociedade, para onde, após a sua morte, transitaram. São notas variadíssimas, árvores genealógicas, epistolário, e 4 volumes in-fólio de preciosos apontamentos histórico-bibliográficos sobre as origens de todas as freguesias do Concelho de Guimarães, de cada uma das quais tencionava elaborar a correspondente monografia, nos moldes daquela que modeladamente escreveu e publicou sobre *Tãgilde*, a paróquia que durante 25 anos curou, e onde acabou os seus dias.

A Câmara Municipal de Guimarães não esqueceu, honra lhe seja, este dia 29 de Dezembro, em que se completam 100 anos após o nascimento de

tão inclito e prestigioso varão. Não pôde, infelizmente, inaugurar neste dia, numa praça pública da Cidade, o monumento que projectou erguer, e que tão oportunamente teria sido hoje descerrado. Mas o mesmo succedeu ao grande historiador vimaranense Alberto Sampaio, que só 13 anos após a passagem do seu Centenário vai ter, finalmente, o monumento que a sua Memória exige. Estou certo de que, no próximo ano, a Cidade de Guimarães poderá realizar essas duas glorificações e perpetuar, no bronze e no granito, a lembrança dos dois ilustres vimaranenses, cujos estudos a que se dedicaram muitas afinidades apresentam.

A Sociedade Martins Sarmento, sempre fiel às suas tradições de Cultura, deu, jubilosamente, a sua colaboração ao Município, nestas solenidades hoje realizadas em honra e memória do insigne Abade de Tàgilde, encerrando-as neste momento com a Conferência que o Ilustre Escriitor Senhor Doutor Eduardo de Almeida nos quis dar a honra, a convite nosso, de vir aqui pronunciar.

Traçar o elogio literário do Doutor Eduardo de Almeida, nesta Casa que ele tanto ama e soube fazer ressurgir e elevar a nobres destinos, e que tanto illustrou, presidindo, com raro brilho e talento, a diversas das suas Direcções; fazer a apresentação do Doutor Eduardo de Almeida ao culto e distinto auditório que aqui se encontra, e que tão perfeitamente conhece a Obra deste grande Escriitor vimaranense — seria, da minha parte, uma atitude reprovada por desnecessária, e, direi mesmo, inoportuna, impertinente e petulante, pois Guimarães e o País têm acompanhado sempre, com crescente admiração e justo louvor, os magníficos trabalhos deste Escriitor nosso conterrâneo, já hoje definitivamente consagrado entre os mais eminentes prosadores portugueses. Dispensemos portanto, nesta hora e neste lugar, as apresentações enfáticas e os inúteis elogios a um orador, que de há muito se encontra apresentado por si próprio, pelos seus méritos e pelo seu talento.

As únicas palavras que, de facto, têm oportunidade, neste momento, são apenas de gratidão

para Eduardo de Almeida que se dignou aceder ao nosso convite, vindo aqui falar da vida e da Obra admirável do insigne Abade de Tàgilde, obra que ele conhece profundamente, aprecia e sabe comentar como ninguém.

Não devo pois demorar por mais tempo o prazer que todos nós vamos sentir, ouvindo novamente nesta Casa a palavra eloquente, elegante e de fino recorte literário do ilustre Conferencista de hoje.

---

*Conferência realizada na noite de 29 de  
Dezembro na Sociedade Martins Sarmento  
pelo Escritor Vimaranense Sr. Dr. Eduardo  
d'Almeida, subordinada ao tema*

## O Padre João Gomes de Oliveira Guimarães Abade de Tàgilde

Excelência Reverendíssima, Senhor Bispo da  
Guarda,

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal  
de Guimarães em representação do Ex.<sup>mo</sup> Go-  
vernador Civil do Distrito,

Ilustre Vereador dos Serviços Culturais da Câ-  
mara de Guimarães,

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Sociedade Martins  
Sarmiento,

Ilustre Senhor Deputado Capitão Magalhães  
Couto,

Minhas Senhoras, meus Senhores :

«Estava muito longe do meu espírito a ideia de que teria de ocupar este lugar, apresentar-me numa assembleia tão conspícua e numa solenidade tão grandiosa; que teria de falar aqui, tribuna de tamanhas responsabilidades para todos e muito mais para

mim... pois tal ousadia se não toca as raías da demência, não fica, quiçá, aquém das da temeridade».

Com estas palavras iniciava, em Braga e a 16 de Maio de 1893, na academia literária promovida pelo Seminário de Santo António e de S. Luís Gonzaga, seu discurso — *Influência dos Papas e Arcebispos de Braga sobre a Instrução em Portugal* —, o então Abade da nossa Tàgilde, que de si próprio, na monografia acerca desse agregado rural, dava a seguinte notícia: «João Gomes de Oliveira Guimarães, natural da casa dos Abreus, freguesia de S. Vicente de Mascotelos, filho de Jacinto Gomes de Oliveira e de Maria Alves de Abreu Pereira, nasceu em 29 de Dezembro de 1853...»

Da justa homenagem de grata e respeitosa consagração que, na passagem do Centenário desse nascimento, Guimarães se honra em prestar à memória ilustre do Homem Douro e Bom, cujo nome ficará perduravelmente ligado à nossa história, para cujos alicerces primeiro carregou, em consumidas investigações e com escrupulosa probidade lúcida, os sólidos fundamentos, coube-me este encargo, a que não pude esquivar-me, embora muito teimasse em fazê-lo, por me coagirem os deveres de vimaranense velho e velho amigo desta Casa. Possam aqueles tão penitentes dizeres prestar-me socorro, acudindo ao aflitivo transe em que me sinto e sei, com acabrunhado esmagamento, bem insignificante de mérito próprio e de todo carecido de qualquer prestígio social. Forçado pois a submisso, apenas só me resta, como, na sessão de 9 de Março de 1900, ao Dr. Avelino Guimarães, já vendo só, na luz do sol, assim no verso do nosso Bráulio Caldas,

a cor sinistra

De uma câmara ardente em casa mortuária,

repetir-vos sua frase, como indulgência — «Ainda aqui venho apesar de quase inválido. Mas venho».

A morte levá-lo, um pouco mais adiante, para a sepultura, onde já o esperava outro advogado insigne, o Dr. José Sampaio, falecido uns dias a mais apenas de Martins Sarmiento, ambos naquele

ano triste de 1899, que de nós se havia de partir ceifando, impiedosamente, dois gentilíssimos botões de rosa — Maria Isabel de Noronha e Maria Angelina Mota Prego, e um trovador — Manuel da Costa Roriz.



*O Escritor vlmbaranense Sr. Dr. Eduardo d'Almeida proferindo, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, na noite de 29 de Dezembro de 1953, a sua Conferência sobre a vida e a obra do Abade de Tâgilde.*

Avelino fizera dias antes de morrer 60 anos, José Sampaio foi com 58, Oliveira Guimarães com 59 — que Sarmento e Alberto Sampaio andavam nos 66, 67. E apenas só com 32, traiçoeira e

maldosamente, esse formoso talento do querido João de Meira!...

Se, como sentia a Condessa de Noailles

Comme un reproche ardent  
flotte éternellement  
Entre les tombeaux et les astres...

vem de que, como notou António Cândido, a velhice é «um sonambulismo trémulo e quase sempre atormentado» em que, entre «l'odeur amère des cyprès et de la nuit», na rima de Herédia, nossa evocação amarga e saudosa anda como errando entre horas mortas, que foram também já horas vivas do que em nós mesmos de vida se extinguiu e desvaneceu.

Naquela sessão de 9 de Março, conta o Padre Gaspar Roriz, Avelino estranhava, increspante, o silêncio de José Sampaio, «que não falta nunca»... e pois, acrescia, em suposta imagem oratória, «que, se morte lhe calara a voz, ele bem lhe sabia presente ali o coração». Na verdade, eles aqui estão hoje todos, trazendo-nos cada o *adsum* de seu aplauso, abraçadamente a nós estreitados na comunhão desta homenagem. E só agora, sim, ela é perfeita e completa: até mesmo, sob o patrocínio confortador dessas Magas Sombras Tutelares, se me torna mais suave, ou possível, o falar-vos de um de entre eles — e como o vejo sorrir, Mestre querido e bondoso, ao mau aluno que ele sabe dócil, embora de tão disperso de natureza pela boémia do espírito inquieto, que anda sempre como tolhido no embaraço da insuficiência.

Ao haver de traçar, com sobriedade e clareza, o esboço de perfil de Oliveira Guimarães, a quem repugnariam, que nem falsos postigos, todas as mentiras convencionais da adjectivação retórica, acodeme os termos com que o douto Latino Coelho, em sessão da Academia Real das Ciências, em Novembro de 1856, abria o elogio histórico de D. Frei Francisco de S. Luís, que tem com aquele, em mais de um aspecto, certa afinidade espiritual: — «Para que um nome seja memorado no Livro de oiro dos

juízos contemporâneos, basta que ali o escreva — quantas vezes com sangue! — a fortuna ou o favor. Para que seja memorável nos anais em que se regista a glória, é mister que além da campa o estejam canonizando em clamores eloquentes os merecimentos e as virtudes pessoais... É que ali (no tûmulo) naufragam sem remédio as glórias feiças, e dissipam-se os falsos esplendores, e esquecem para sempre as mentidas reputações. Triste, mas necessária condição, que do pó hajam de brotar e florescer mimosas e viridentes as palmas do talento e as flores da verdadeira glória.»

Ora, certo dia nostálgicamente brumoso do fim de Abril (e, para ser o que soía, era ruim), quando, terminados os officios fúnebres, retiravam pelo átrio o caixão do defunto, o povo, aglomerado — e era toda a gente de todos os fogos vizinhos e alguns estranhos, vindos de fora (aliás não tantos quantos deviam ou não puderam ir) —, ao notar que o não conduziam ao seu cemitério, antes para um carro, que já o aguardava para o levar para além do aro da freguesia, estremeceu, primeiro, de indignado protesto, sem embargo do luto espesso a amortalhar-lhe o coração, e, logo vendo e recaindo nas determinantes imperativas do transporte, mas com espontânea convulsão de uma dor bem profunda e bem sentida, desatou em lágrimas, soluçou gritos de mágoa, agitou os lenços num último adeus. Um periódico do tempo — foi a 22 e no ano de 1912 —, ainda na comoção que a todos os presentes dominara, lá narrava o facto: «Aqueles lenços que se agitavam num adeus para sempre, aqueles gritos de dor que ecoavam no espaço, aquelas lágrimas...»; e um Abade, o de Vila Nova de Sande, (João Cândido), acrescentava: — «Prêgavam aquelas lágrimas, diziam na sua tão quente eloquência como, em correspondência com uma tão extensa e tão intensa vida paroquial, o povo cultiva e acarícia o tão nobre, o tão belo, o tão raro sentimento da gratidão»; e um Cônego, que foi Arcipreste austero e Professor, (o Cônego Moreira), definia acentuadamente: — «E o povo só chora ou brame quando o pesar o oprime ou a indignação o fere. Chorava? Apenas na recor-

dação dos benefícios recebidos, do carinho que lhe fora dispensado, das qualidades do homem de coração que desaparecia, poderemos encontrar a causa de tanta comoção, a origem de tanta saudade.»

O morto era Oliveira Guimarães, a freguesia e o povo de Tágilde, que ele pastoreava como Abade desde 1887, e, portanto, há 25 anos, e o cadáver era transportado para a sepultura de Mascotelos, onde nascera e estivera, depois de algum tempo como encomendado na de S. Tiago de Cadoso, também como pároco durante meia dúzia de anos.

Não foi preciso ao povo, ao nosso povo, que o cadáver ficasse sepulto na jazida, para fazer justiça ao sacerdote. Soube jurá-la com lágrimas, as lágrimas de uma dor que não mente. Pareceu-me ouvir, neste momento, vinda de longe, a voz poética:

Ó minha aldeia humilde de Pobreza!...

O fumo escuro sobe dos casais...

O pôr do sol em chama...

E a mão da Palidez, quimérica, derrama

Oiro de morte sobre os tristes salgueirais...

*(Teixeira de Fascoais)*

O são Juízo do Povo, como na sentença lavrada em saudade e mágoa à morte do Abade de Tágilde, tem sempre confirmação plena no Supremo Tribunal da Posteridade. Nasceu e morreu sob o signo da Fé, que devota e honestamente serviu como sacerdote e simples cura de almas, as rudes do lavrador, a triste dos humildes, a tosca e pura dos peregrinos, a desvaírada do pecado da carne e a mordida da vermina da inveja, da gula e da ambição, a alma cansada dos velhinhos e a sempre em agonia de todos os caminheiros no árduo trânsito da vida...

...E serviu-a procurando educar. São de um seu amigo estes apontamentos: «Ao tomar posse da sua residência encontrou sem roteiro o passal, o qual desenvolveu dentro em pouco como um agricultor exímio. Mandou sulfatar a vide, plantar árvores, enxertar, e, nas suas prédicas, condenava o agricultor agarrado aos processos antigos. A residência de Tágilde era uma perfeita escola

agrícola, todos o diziam. — « É preciso, muito preciso, ensinar o agricultor ». (J. Freitas Carneiro, no *Comércio de Guimarães*, 3 de Maio de 1912).

Dotado de magníficas qualidades de talento, apêgado e habituado a cultivá-lo com estudo perseverante e aturadas e canseirosas investigações, havendo marcado a sua passagem nas escolas e Seminários com altos e honrosos prêmios, e atingido, na vida social, categoria, prestígio e situação de preponderância política, o Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, quando indigitado para empunhar o báculo de Bispo, recusou. Muitos o estranharam e àquele mesmo seu amigo, que lhe comunicava também seu espanto, retorquiu: — « Habituei-me de tal forma à Sociedade Martins Sarmiento e à minha freguesia que destas entidades tão queridas não me posso afastar ».

Aquelas choradas lágrimas do povo de Tâgilde...

E serviu ainda a sua fé consagrando-lhe uma larga parte das suas investigações históricas, como a teve sempre como estrela do Norte em todos os seus outros estudos e em seus actos de vida particular e social. Pode mesmo apontar-se como notável traço de seu carácter o saber aliar os ditames da crença religiosa com o rigor da probidade histórica, condição esta preliminar e fundamental da consciência do investigador. Assim, nas linhas de introdução ao estudo — *Convento de St.<sup>a</sup> Clara de Guimarães*, ao citar a pomposa laudatória do fidalgo Tadeu Luís António Lopes de Carvalho Fonseca Camões no — *Guimarães agradecido*, anota: « É possível que os factos nem sempre estejam de pleno acordo com as afirmações de Tadeu Luís, mas um ou outro... » (ai! e quantos foram de louçania ardorosa e femenil graciosidade, perfumada de incenso e de sonho...) « ...mas um ou outro abuso, em breve cortado, não tem força suficiente para lançar por terra o seu testemunho, tão franco e tão autorizado. »

Da fundação de Baltazar de Andrade, Mestre Escola da Colegiada de Guimarães, com o permissão de uma Bula de 1559, ano em que lançou a primeira pedra do edificio, que, depois de sucessivas

transformações, veio a ser construído pelo Arcebispo D. José de Bragança, assisti eu, em Setembro de 1891, aos funerais da última Abadessa, Dona Antónia Amália da Ascensão, e recorro o caixão singelo, sobre uma esteira, no chão do côro de baixo, por detrás das grades da clausura monástica.

Dois outros magníficos estudos confirmam esta sua orientação: — *Guimarães e Santo António*, nas festas comemorativas do VII Centenário (1895) do nascimento, com dedicatória ao preclaro Arcebispo de Braga D. António de Freitas Honorato, e o — *Guimarães e Santa Maria*, publicado em 1904, estudo do culto de Maria, no Concelho de Guimarães. No primeiro, começando pela transcrição da Crónica da Província da Soledade, escrita por Frei Manuel da Mealhada, que se aproveitou ainda de alguns dos materiais recolhidos por Frei Francisco de S. Tiago, autor do primeiro tomo da mesma Crónica, na parte referente à fundação do Convento dos Padres da Província de Religiosos da Piedade, que ficou entre nós conhecido por Santo António dos Capuchos (onde hoje se encontra instalado o Hospital da Misericórdia), e cuja primeira pedra foi lançada em 2 de Fevereiro de 1663, sendo a Igreja remodelada em 1678, Oliveira Guimarães acrescenta algumas notas, entre as quais a da milagrosa memória de Frei Luís das Chagas, falecido em 1757; na segunda parte desenvolve a história do culto por todo o Concelho de Guimarães.

Do mesmo modo como no Tàgilde se harmonizava o sacerdote com o historiador, sem falseio dos respectivos deveres, encontramos mais um claro testemunho logo nas primeiras linhas de introdução daquele outro valioso trabalho: «E a prova manifesta à luz da história, de que este formosíssimo rincão da terra portuguesa, circunscrito entre as pitorescas e luxuriantes margens do Vizela e a memoranda serra da Falperra, concorreu, quicá mais que nenhum outro, para a justeza da tradicional denominação, que os nossos antepassados deram à terra, que, inspirados no amor da Pátria e no fervor da religião, arrebataram ao poderio muçulmano: *terra de Santa Maria*».

A obra, dividida em duas partes, começa pela instituição da Festa à Imaculada Conceição, reproduzindo o documento inédito do contrato celebrado em 1329, pelo qual D. Rodrigo Peres, então Bispo de Lamego e que fora Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães, doava ao Cabido um casal no Burgo de Pombeiro, para, em cada ano, celebrarem a Imaculada, no dia 8 de Dezembro; e outro documento, de 1645, pelo Prior D. João Lobo de Faro, a reforçar o mesmo culto, assim, como se vê, séculos antes da definição dogmática de Pio IX, em 8 de Dezembro de 1854. Além do estudo do culto da Imaculada, a segunda parte contém a relação pormenorizada das capelas, altares, imagens e congregações, em todo o actual termo vimaranense.

Falei, há pouco, no Cardeal Saraiva, e disse haver certo parentesco de sentimentos e inclinações entre o nosso sacerdote do Presbitério e o frade do Mosteiro, pois um e outro, de exemplar piedade e compostura, se entregaram obstinadamente, e movidos os dois apenas de entranhado affecto à nossa Terra e à nossa Gente, a canseirosas investigações e trabalhos (que «não dão glória nem proveito» no acertado dizer do João de Meira), e ambos se distinguiram, em sua vida civil, política e social, pela sua consciente dedicação à causa popular e à liberdade. O primeiro dos estudos que, sob o título — *Apontamentos para a história de Guimarães*, Tágilde publicou na Revista desta Sociedade é a relação histórica dos eclesiásticos do Concelho de Guimarães, extraída do nome das pessoas pronunciadas nas devassas e sumários que D. Miguel ordenou por alvará de 14 de Julho de 1828, ou seja dos padres vimaranenses que sustentavam a causa da Monarquia Liberal.

Para muitos, o nome do Abade de Tágilde resume-se tão somente à evocação dum «trunfo político» e é natural mesmo que os monárquicos constitucionais do seu tempo, regeneradores e progressistas, o revejam ao consoante da sua perspectiva e feição partidárias. E, na verdade, esse aspecto — seria falseio considerá-lo somenos — é integrante da sua personalidade.

Júlio de Castilho, ao felicitar Oliveira Guimarães, com sentido entusiasmo e viva admiração, pelos *Vimaranis Monumenta Historica*, dizia-lhe em carta: «O exemplo do incansável grande Herculano foi seguido». Perfeitamente justo e exacto. Herculano foi seu Mestre e é ensinamento sempre actual e vivo a todos nós sua obra de História e seu carácter de Português às direitas. Esse homem rijo e austero pugnara sempre por uma sã, consciente, e educada liberdade, como fundamento de uma política dignamente nacional. Ao inquirir das causas do «período de decadência profunda, moral e material», entre a segunda metade do século xv, quando Afonso V apresta combatentes e aparelha a frota para a conquista de Arzila, e a segunda metade do século xvi, andando D. Sebastião, «o malaventurado mancebo», «que era uma alma nobre e teve uma inspiração da política da idade média», nos preparativos da jornada de Alcácer Kibir, Herculano escreve: «Mas o que é esse período intermédio? É o do estabelecimento da Monarquia Absoluta sobre as ruínas da Monarquia Liberal da Idade Média», e Herculano nota o sentido deste seu dizer com fundamento «de ser desde então a vida enérgica de Portugal distraída do caminho histórico e justo, do alvo sólido e dos resultados permanentes a que se dirigia a anterior política», para ser «empregada no prosseguimento da nova ideia de pessoalidade, da substituição do Rei ao Estado». E acrescenta: «a glória adquirida nessa época foi das maiores que o mundo tem visto», mas frisa, foi comprada ao preço de muita desgraça futura, sendo certo ainda, permito-me acentuar, que o povo, cujo sangue se transformou em ouro menos para ele, ficou mais anemiado e mesquinamente pobre, e em sujeição à mais deprimente e assoprada vaidade luxuosa e dissipadora, entre loucas orgias e sujos negócios, das castas privilegiadas, inimigas do soberano e dele povo, na rivalidade ciumenta de altas soberbias e sobretudo de magníficos proventos.

De facto histórico encontrava Oliveira Guimarães eloquentes e insofismados testemunhos nos documentos dos Arquivos, e em quanto à vida concelhia, desde os primeiros reinados, contribuíra para a emancipação

da gente, e consolidação da consciência nacional. Logo moço, na Casa natal de Bogalhós, (que ele sabia tão antiga que já nas inquirições de 1258 se falava no Casale Bogalloo, que fora do Rei e o dera a Santa Maria de Guimarães, a cuja Igreja, no Domingo de Ramos, eram os de Mascotelos obrigados a trazer as palmas da Festa), ele via pelos campos o bom e pobre do rústico lavrador, como há 100, como há 200, e mil anos, a cavar com o suor do seu rosto o pão de cada dia. E depois, como pároco, ao levar a Extrema Unção aos moribundos e ao acompanhar os cadáveres à cova, aprendera uma «quieta familiaridade com a morte», cujos «olhos infinitamente indulgentes, tudo viram e tudo sabem e tudo perdoam», no tão compreensivo dizer de Fidelino de Figueiredo (*Um Coleccionador de Angústias*).

Vinha-lhe assim da grei, e animado pela cultura, o sentimento da luta pelo bem estar das classes desprotegidas e da liberdade condigna e necessária à evolução do sistema da governação pública: lógicamente, a seu ver, enfileirava no partido progressista, que era, então, o mais afeiçoado à sua tendência. Nele militou com devotação activa e sempre com indesmentida probidade. Com a sua acção política procurou prestar, e prestou, bons serviços à Cidade e ao Concelho de Guimarães. Recordarei apenas as propostas que, como Presidente do Município apresentou na Sessão Camarária de 11 de Abril de 1906, ou seja, como agora usa dizer-se, o plano condicionado dos melhoramentos municipais:

- 1.º — Continuação da exploração das águas da Penha;
- 2.º — Construção de uma nova cadeia, que estava ainda em prédio já considerado mau em 1739;
- 3.º — Alargamento da Praça de S. Tiago, que obrigava à demolição de todos os prédios de norte e nascente e desaparecimento da Viela dos Engeitados;
- 4.º — Alargamento da rua do Espírito Santo, aproveitando-se a demolição da cadeia

- velha para fazer a ligação mais ampla entre os dois largos;
- 5.º — Reparação e melhoramentos na Largo de D. Afonso Henriques, ou seja o Toural;
  - 6.º — Alargamento do Campo da Feira;
  - 7.º — Prolongamento da rua de Paio Galvão;
  - 8.º — Canalização de águas em Vizela;
  - 9.º — Reconstrução e alargamento da rua do Médico, em Vizela;
  - 10.º — Matadouro em Vizela;
  - 11.º — Reforma da canalização de água das Caldas das Taipas;
  - 12.º — Praça do Mercado nas Taipas;
  - 13.º — Continuação da estrada vicinal de ligação da Rua de Santo António com a estrada Distrital n.º 17 — com largura suficiente para a edificação de prédios;
  - 14.º — Melhoramento da viação rural.

Nestas propostas, como ele nota, objectiva-se o melhoramento do aspecto urbanístico da Cidade, mas procurava-se também não só melhorar as condições de vida nos meios rurais, sobretudo facilitando-lhes comunicações com a sede, como dar trabalho aos operários, atenuando-se a crise do desemprego.

Seria injustiça, que o Abade de Tágilde me não perdoaria, se, evocando a sua prestante acção no exercício administrativo do Município, não lembrasse o nome, que nele também se honrou, do velho Dr. Meira, seu amigo dedicado e seu leal adversário político.

Assim como em todo o contorno do montado agreste da chamada Política, exposto aos ventos desvairados e à fúria das tempestades, por cujos trilhos sinuosos gerações sucessivas se renovam na infinda peregrinação, as eriçantes moitas dos tojais se adereçam de graciosas florinhas de claro mas amarelo sorrir, sem que deixem de ser cruéis e dolorosas as coroas de espinhos dos mártires do ideal ou da utopia ou da ambição, assim a leva dos caminheiros nas andanças políticas se esmalta com amarga ironia de anedotas espirituosas. Aqui vai uma. Num dos períodos de mais intensa agitação da consciência

vimaranense, a quando da fundação desta Sociedade, da Exposição de oitenta e quatro, do 28 de Novembro de oitenta e cinco e conflito pela autonomia concelhia, appareceu um nome para as eleições de Deputados. Era o de Alberto Sampaio. Foi derrotado, é claro, pois, além das antigas, quando o povo escolhia os seus magistrados e homens de falas, o nosso tradicional sistema de eleições andava, digamos assim, pela norma do — « Não te conheço! »

« Mais uma vez, escrevia o Dr. Avelino Germano, o *sufrágio livre* foi não para aquele que prestara relevantes serviços à terra, mas para um representante completamente desconhecido do círculo que o *elegeu* ».

Oliveira Guimarães também sentiu um dia o desejo de se candidatar a deputado. Estava no Poder o seu partido, onde disfrutava mercedamente prestigiosa consideração, mas, já então João Franco tinha bem consolidadas a sua reputação e amizade no Concelho. E o caso discutiu-se nas lojas e nos cafés, com viveza de entusiasmo ou com risos de mofa, talvez estes em disfarce ao arrepio de dúvida: O caso era sério com o José Luciano no Poder. Veio então a cantiguinha:

O Abade de Bogalhós  
Quer jogar as bugalhinhas . . .  
Quer deixar a residência?  
Ora toma Mariquinhas!

O Abade de Bogalhós,  
Joga agora as bugalhinhas . . .  
Queria ser Deputado?  
Ora toma Mariquinhas!

Tágilde ria-se e desistiu: desistiu de jogar as bugalhinhas dos votos, creio, para com a sua renúncia facilitar um acordo político entre regeneradores e progressistas. Ora, para mim, o que tenho por mais certo é que, ao dispor-se, e com muito sacrifício o faria, a deixar a residência para ir ser deputado, Tágilde frequentaria mais a Torre do Tombo que o Palácio de S. Bento. Ou não andasse ele aos tra-

tos com os documentos para os *Vimaranis*... É ver o volume da laboriosa e vasta correspondência trocada de cá para lá, e de lá para cá, entre Oliveira Guimarães e o zeloso arquivista Alfredo Pons.

Essa era, e foi essa, a verdadeira, a grande, a dominadora paixão ardente e fervorosa, de Oliveira Guimarães: na múltipla complexidade dos *eus* que constituíam, como se dá em geral com todos nós, a sua personalidade, o *eu* mais característico dele era o do investigador da História de Guimarães e seu Concelho. Com raro mérito, que merece assinalar-se, de jamais ser desleal a si próprio ou se atraiçoar em qualquer dos aspectos e formas da sua actividade. Talvez o próprio exercício do ministério sacerdotal, ao deitar a água lustral à entrada da *vía crucis* no trânsito da vida, ao unir os *sins* risinhos dos noivos no sacrifício da dura pena e suave enleio do amor, e ao requerer a paz da misericórdia na descida dos caixões à cova, se lhe alumiasse no pensamento, através o longo cemitério do passado, de outras idades e de outras vidas, consumidas na mesma romagem, sepultas no esquecimento e no anonimato, que de lá lhe viera afinal às suas e nossas veias o sangue que nelas pulsava.

O velho Teófilo Braga — não sei se é moda ainda fazer troça desse humilde e honrado trabalhador, que deu toda a sua vida ao estudo das tradições populares e ao culto das letras nacionais... — escrevia a Tágilde, ao felicitá-lo pelos *Vimaranis*, «magnífica realização de patriótica empresa», que ela provava haver «uma Escola Histórica em Guimarães, continuadora do pensamento e esforço de Francisco Martins Sarmiento, que é hoje uma das suas maiores glórias». (Ao reler estas palavras atropela-se amarguradamente no meu tão cansado coração a saudosa lembrança de outros dois grandes continuadores, que a morte também já nos levou: João de Meira e Alfredo Pimenta). Admirável, singular, raro, como milagroso período em nossa vida foi aquele — Sarmiento, Sampaio, Tágilde, — a ronda dos séculos da Citânia à aldeia, da aldeia à vila, da vila ao burgo, e do burgo ao município e ao Concelho.

A admirável floração espiritual do «bom Abade de Tágilde», como lhe chamava o Dr. Meira, está vinculadamente ligada a esta Sociedade Martins Sarmiento, de que ele, com o mais entusiástico ardor e constante diligência, desde a primeira hora da sua fundação — é ver o seu discurso na sessão de 9 de Março de 1884, as suas pesquisas arqueológicas, a sua volumosa colaboração na *Revista de Guimarães* — ao *aeternum vale* da agonia, foi um dos mais talentosos, dedicados e perseverantes obreiros: proclamado Sócio Honorário em 9 de Janeiro de 1892, sob proposta do Dr. Avelino Guimarães, em Assembleia Geral presidida por Francisco Agra, o chefe de então do partido Regenerador. E era esse o único título de que se condecorava.

Fustel de Coulanges, em *La Cité Antique*, declarou com toda a propriedade, que nessas rebuscas do passado se consumia toda uma vida de análises para uma só hora de síntese: nada é pequeno ou insignificante, se não aos olhos da peralvilhice efêmera dos pretensos sabicharrões futuristas, no grande cesto das velharias, nem até no pó dos pergaminhos desfeitos pela traça. Quantas evocações de vasto ou intenso panorama, tantas vezes no simples memorar dum pequeno pormenor: por exemplo, na *Influência dos Papas e Arcebispos de Braga sobre a instrução em Portugal*, o da Bula de Paulo III de 1539 autorizando a que, no Mosteiro da Costa, se conferissem graus em Artes, Teologia e Filosofia; no *Convento de Santa Clara de Guimarães*, os nomes e súpula biográfica das Religiosas notáveis e das Abadessas. Outras vezes, algumas linhas, com a valiosa ilustração de documentos inéditos, formam substanciosos contributos, como em *Monógrafos Vimaranenses*, *Tinturaria*, os *D. Priores da Colegiada*, *Teatro Vimaranense*, *Inscrições Inéditas*, e outros estudos publicados na Revista. Com razão o Dr. João de Meira sempre o respeitou e houve como distinto e incansável investigador: a confirmar-lhe de sobejo o merecido apreço bastaria a importante série dos seus *Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães*. Tágilde, imune pelo seu próprio valor à vã exibição pedantesca «das pessoas

tênicamente denominadas celebridades», no dizer espirituoso do célebre contista inglês, nunca abordava um assunto quando a lume não trouxesse algum documento novo, desconhecido, inexactamente interpretado, ou não contribuisse para seu melhor e mais fiel conhecimento. Já mencionei a relação dos eclesiásticos incluídos na alçada de 1828 e alinharei: a Provisão de D. João V sobre certa obrigação dos moradores de Cunha e Ruilhe, em 1743; a de 1608 de D. Filipe sobre os de Barcelos; o Livro dos Acórdãos da Câmara de 1692; as curiosas informações sobre a nossa participação na Guerra Peninsular, as ordenanças comandadas por Gaspar Teixeira contra Loison, os rasgos de audácia do frade dominico António Pacheco, o combate na Póvoa de Lanhoso e o vigário de Matamá, o General Silveira e outros valentes fidalgos e homens de Guimarães... Devem memorar-se ainda como de demarcada importância, os seus estudos sobre *A Vila do Castelo*; o *Arquitecto João Lopes de Faria*, que, sendo natural de Ponte de Lima, se tornou vimaranense pelo seu casamento com Mónica, a filha do imaginário de pedraria Gonçalo Lopes, e pela sua obra notável, como a intervenção no encanamento da água vinda da serra de Santa Catarina, a reparação dos Paços do Concelho, o retábulo da Capela-mor, o chafariz e o lindo e elegante escadório da Misericórdia; sobre o *Abastecimento de águas potáveis*, desde o último quartel do século xvi; as *Festas anuais da Câmara*; as *Epidemias em Guimarães*, com a menção de um documento do tempo de D. Sancho I, por ele descoberto no Arquivo da Colegiada, referente à do ano de 1348; e ainda sobre os *Coutos de S. Torcato*, e de *Ronfe* (além da *Honra de Briteiros*, publicado no *Progresso*), sobre as *Caldas de Vizela*; *Vínculos e Morgadios* — Casa Nova, S. Brás, S. Miguel, Valadares, Paço de Nespereira —, a que devem acrescentar-se as minuciosas notas genealógicas, esparsas por muitos dos seus trabalhos.

Todo o vasto Concelho, desde logo que se enfeitçou e prendeu a esta obscura e penosa vigília, lhe merece desvelado interesse e carinhosa afeição,

como ele mesmo o confessa em humilde notazinha da excelente *Monografia de Tâgilde*: «Desde muito que coligimos os materiais para a história de cada uma das 76 freguesias de que se compõe a parte rural do Concelho de Guimarães...» — E, a confirmá-lo estão os três preciosos volumes de apontamentos manuscritos, guardados nesta Casa.

À consecução, tão penosa de cuidados como difícil pelo montante e multiplicidade, de materiais para essa obra devemos, por certo, não só os estudos já indicados sobre Coutos e Honras, como a formosa colheita, de tão singular e precioso valor, dos *Documentos inéditos dos séculos XII-XV*, relativos ao Mosteiro do Souto. Ela seria um dos seus primeiros e mais importantes trabalhos, a avaliar pela soma dos obtidos e pelo fragmento dela relativo à freguesia de Tâgilde, monografia que Joaquim de Vasconcelos considerara elaborada com «abundante erudição e segura crítica».

Mas não lhe deu tempo a vida, é bem o caso de dizer-se com precisão infelizmente, que lhe fugiu quando revia as provas da obra que é a maior da sua vida de historiador, os — *Vimaranis Monumenta Historica*, cujo plano (escrito na introdução, tão sóbria como feita em «culto e clássica latinidade», como lhe dizia, de Génova, Joaquim de Araújo) era em cinco partes, sendo quatro as das Dinastias, incluindo-se na primeira não só documentos extraídos dos *Portugaliae Monumenta Historica*, como vários publicados pela primeira vez (dezassete, contados por João de Meira, na parte publicada até Abril de 1908), sendo todos altamente valorizados pela identificação dos lugares mencionados nesses documentos. A esse respeito escreveu Alberto Sampaio na *Portugalia* (para a qual Tâgilde, convidado a colaborar, deu a curiosa nota — *Usos e Costumes Religiosos — Óbitos*) que essas pequenas notas de identificação, lavradas no fundo de cada diploma, «representam um imenso labor de exploração local e são também verdadeiras jóias de valor inestimável», dadas as muitas dificuldades e canseiras a que faticosamente obrigam. Na verdade, como acentuou e repetiu João de Meira, e só a morte obsteu a que

fosse o continuador dela, a semelhante empresa tem de mostrar-se reconhecido «o futuro Historiador que sobre os seus ombros tomar a tarefa de narrar os nove séculos da vida vimaranense». E que ela interessa não só a Guimarães como a toda a História de Portugal o confirma o aplauso tributado a Oliveira Guimarães pelos maiores valores de então — Gama Barros, Sousa Viterbo, Leite de Vasconcelos, Rocha Peixoto, Azevedo e Menezes, Pedro A. Ferreira, além dos já referidos e muitos outros. «Ainda há portugueses!», escrevia-lhe, com o coração dilacerado, o Conde de Arnoso: «E o meu amigo é um deles».

Dívida de gratidão sempre em aberto é a de Guimarães à memória do homem que lhe sacrificou toda a sua vida para que, com uma tenacidade obscura de investigador consciente e douto, ela, conhecendo a sua história, se pudesse encontrar tal como fora e assim seguir tal como deve ser.

Na ânsia infatigável da minuciosa pesquisa, quantas noites não sacrificou Oliveira Guimarães para notar no *Catálogo dos Pergaminhos existente no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães*, os que nos tinham sido arrebatados para a Torre do Tombo, e para tornar conhecida a *Nota Antiga do Arquivo da Colegiada de Guimarães*, em vários e sucessivos números da Revista, quer tomando apontamentos e cópias dos mais velhos livros da Câmara Municipal, como *Vereações e Provisões*, ora percorrendo os Cartulários das Confrarias e Irmandades de todas as freguesias, ou ainda as arcas e armários de papéis de solares e velhas casas, como de Vila Pouca, Paço de Nespereira, Pindelas, Lindoso, Pombeiro, onde era hóspede respeitado e habitual do aprumado fidalgo, bondoso e gentilíssimo Barão de Pombeiro.

Bem sei, e melhor o saberia ele, que, além de sem glórias e sem proveito, essas caminhadas pelo passado, quando, ao ver de muitos, não passam de fútil entretenimento de ociosos ou de vã pedantaria na ambição de enfeites académicos, são, muito especialmente neste século de tecnicismo materialista imperativo, repulsas como satânicos enleios de retrogradância perigosa, deletéria.

Ah! mas esses não sabem, ou não querem atender, o essencial ensinamento do que, na linguagem freudiana da «descida ao abismo» do subconsciente, poderíamos chamar a investigação do pré-consciente, ou mesmo da antroppoconsciência da argila lusíada, da gesta e rota da nacionalidade, do sentimento e vida da sua Grei; e que, desconhecé-la ou renegá-la, é esquecer ou desprezar a própria família, como se tal bastasse a sangrar-nos as veias e a despir-nos o espírito, para nos mascarármos de estrangeiros e a exilados de nosso corpo e alma.

Como as estrelas já iam pelo céu esmorecendo ao fim da noite, se foram lentamente cerrando seus olhos, na cegueira do cansaço da mui longa vigília sobre a letra sumida em arabescos difíceis. As picadas agudas que produzira o excesso aturado, imagens de fogo corriam impressionantemente na retina — velhos Reis, denodados e heroicos, Guerreiros antigos, com as malhas da cota honradas de manchas gloriosas de sangue, Infantas, com a graça da Formosura, do Saber e da Virtude, Príncipes da inclita geração, Donas e Cavaleiros, Grandes Prelados e Monges obscuros e doutos, Letrados de nome ilustre, Homens Bons, Mercadores, Mecânicos, Gente do Povo, como no desenrolar da longa romaria, gloriosa e dramática, com horas grandes e penosas crises de infortúnio e miséria, através dos séculos.

Por entre o silêncio parado e negro da noite fibrilavam, ao de leve e manso, estremecimentos aurorais de luz ainda apenas a anunciar-se. Muito além, quase para lá do espaço, como nos vales perdidos de outros horizontes já transpostos, rumorejavam surdamente, assim o murmúrio das ondas no eco abafado das conchas do mar, fios de trovas e canções, perdidos ou trazidos no mexer de asa da brisa alvoral

E d'esto uos direy ora  
una uengança que fez  
Jhesu-Christo en Guimarães  
d'un jogar mão rafez

*(Cantigas de Santa Maria,  
de Don Alfonso el Sabio)*

....commisit cum eis prelium in campo Sancti Mametis....  
(Chr. Got.)

...Senhor! Quando tu foste  
Pôr cêrco a Guimarães com toda a tua hoste,  
Foi então que eu menti, eu que fui sempre honrado...  
Quem é daquela terra, e que a defende e a ama  
Que importa, por amor, que se arraste na lama!  
...Venho para morrer, ceva a tua vingança!

(Egas Moniz, de Jaime Cortezão)

E o silêncio volta outra vez, ainda mais denso, mas breve, pois, como no dizer de Camões, «Na terra já tranquila claros lumes» se vão acendendo pelas cabanas, antecedendo os primeiros indícios do abrir do sol. Da torre da igreja de Tágilde cai e derrama-se pelos campos, ecoando entre a capelinha alta do Senhor dos Aflitos e o vale de Santa Comba de Regilde, a primeira badalada de bronze: mas não será o bom Abade quem dirá, aquela manhã, a missa de alva. A Morte, compadecida de suas fadigas, tocou-o na fronte com o beijo da paz serena dos bons e com a auréola dos que se dignificaram pelo trabalho em honra da Terra e da Grei.

REVISTA DE GUIMARÃES  
Publicação da  
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO  
GUIMARÃES